

O CORPO EM EPICURO: DA CONSTITUIÇÃO DOS CORPOS A PERCEPÇÃO DA REALIDADE

[THE BODY IN EPICURUS: FROM THE CONSTITUTION OF BODIES TO THE PERCEPTION OF REALITY]

Rodrigo Vidal do Nascimento

rodrigo.vidal@escolar.ifrn.edu.br

<https://orcid.org/0009-0009-9832-1817>

Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2000), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004) e doutorado pelo Programa Interinstitucional de Doutorado em Filosofia (PIDFIL) da (UFPB/UFPE/UFRN) (2011). Tem experiência na área de ensino de Filosofia, com ênfase em Filosofia, Ética, Teoria do Conhecimento, Metodologia da Ciência, Ideias Filosóficas Contemporâneas. Professor Substituto na UFRN e na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pesquisador do Grupo de Estudo em Metafísica e Tradição (GEMT). Atualmente é professor efetivo de Filosofia no IFRN Campus São Paulo do Potengi aonde atua desde de 2013 como Diretor Acadêmico. É vinculado ao Grupo de Pesquisa Parénklisis desenvolvendo estudos na área de Filosofia e a pertinência do atomismo antigo.

DOI: [10.25244/tf.v15i2.5013](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.5013)

Recebido em: 06 de maio de 2023. Aprovado em: 10 de julho de 2023

Caicó, ano 15, n. 2, 2022, p. 39-56
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i2.5013](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.5013)
Dossiê Epicurismo antigo e sua recepção



O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade
NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

Resumo: O presente artigo tem com objetivo a proposição de uma análise acerca do corpo e as suas compreensões dentro do pensamento de Epicuro de Samos. Para tanto, será abordado inicialmente o caráter formativo da natureza dos corpos, observando-se os aspectos da física epicúrea. Em seguida será apresentada a relação de necessidade entre os corpos (átomos) e o vazio para a conformação dos corpos, mundos e o Todo. E finalmente, a reflexão sobre a admissibilidade da ideia que concebe o corpo como receptáculo da realidade. A presente análise tem como principais fontes de pesquisa os textos das *Carta a Heródoto*, bem como da tradição próxima dos textos do poeta Lucrécio no *De Rerum Natura*.

Palavras-chave: Epicuro. Corpo. *Physiología*. Percepção.

Abstract: This article aims to propose an analysis about the body and its understandings within the thought of Epicurus of Samos. To do so, the formative character of the nature of bodies will be addressed initially, observing the aspects of Epicurean physics. Next, the relation of necessity between bodies (atoms) and the void for the conformation of bodies, worlds and the whole will be presented. And finally, the reflection on the admissibility of the idea that conceives the body as a receptacle of reality. The present analysis has as main sources of research the texts of the *Letter to Herodotus*, as well as the close tradition of the texts of the poet Lucretius in *De Rerum Natura*.

Keywords: Epicurus. Body. *Physiología*. Perception.

INTRODUÇÃO

Para abordar no pensamento de Epicuro¹ à imagem e o significado da corporeidade é preciso analisar cada um dos aspectos relacionados a essa questão com o intuito de definir o lugar que o corpo ocupa na estrutura das ideias do atomismo. As inferências do pensamento atomista pré-dispõem a construção da realidade corpórea para encontrar as causas dos fenômenos. A introdução do corpo como questão no pensamento epicúreo indica-se pelas evidências encontradas nos textos que restaram de Epicuro e em parte da tradição² que deu continuidade as suas ideias.

Pode-se, então, ser proposta uma investigação que tenha como intuito explicitar a importância do corpo para o pensamento antigo, mais especificamente para o pensamento epicúreo. A resposta a essa proposta envolve o direcionamento dos esforços para analisar o pensamento de Epicuro tendo em vista a afirmação do corpo como fator central para a efetiva compreensão do pensamento atomista.

A abrangência da questão do corpo confere ao pensamento epicúreo características próprias em relação à forma de abordar as temáticas pertinentes ao contexto da filosofia antiga. A partir da compreensão da corporeidade³, Epicuro passa a situar de modo incisivo a constituição de uma *physiología* baseada nas relações entre os corpos, fazendo derivar, com isso, a projeção do princípio de unidade corpórea, princípio este que confere identidade e unidade às constituições dos corpos.

Para investigar os diferentes modos de realização do corpo⁴ faz-se necessário discutir os sentidos que ele adquire dentro dos textos de Epicuro, identificando quais interpretações podem ser derivadas a partir do contexto conceitual próprio do epicurismo. Tal investigação possibilitou a discussão acerca da relevância que o corpo possui para o pensamento epicúreo, pois ao situar as possibilidades de interpretações é possível empreender a análise que envolve a questão da corporeidade.

O caminho deixado por Epicuro para pensar o corpo é evidenciado pelas temáticas contidas na sua física e na sua ética. A presença do corpo entre os problemas apresentados no curso da sua obra demonstra que, necessariamente, a compreensão do pensamento epicúreo passa pela discussão do aspecto corpóreo da realidade. A presente pesquisa observou esses aspectos para evidenciar as expressões do corpo em Epicuro, no sentido de incorporá-lo ao próprio modo de ver e projetar a respeito da realidade, entendendo que a preocupação de Epicuro volta-se diretamente para a explicação dos modos de realização da natureza (*phýsis*).

É pertinente ao estudo dos modos de realização do corpo fazer menção aos elementos que influenciam a explicitação da noção de corporeidade. Há passagens dos textos de Epicuro que apresentam a atenção dada a essa questão, fato que justifica a interpretação de que essa temática

¹ Epicuro nasceu na ilha grega de Samos (341-270 a.c.) e o seu pensamento possui influência do atomismo presente em Demócrito de Abdera. As suas ideias repercutiram no mundo greco-romano aproximadamente por sete séculos.

² Pensadores como Lucrecio (século I a. C.), Filodemo (século I a. C.) e Diógenes d'Oenoanda (século II d. C.) deram visibilidade e continuidade ao pensamento de Epicuro, fazendo ecoar o epicurismo por vários séculos mesmo após a morte do pensador de Samos em 270 a. C.)

³ O termo corporeidade é empregado ao longo desta tese para marcar a distinção entre aquilo que advém e pertence ao corpo e a ideia de uma realidade transcendente. Por essa razão, a discussão acerca da corporeidade não se aproxima da encontrada em Merleau-Ponty, uma vez que o sentido refere-se diretamente aos aspectos correspondentes aos modos de realização do corpóreo.

⁴ No pensamento de Epicuro o corpo expressa-se de diversas formas, tomando a forma de tudo aquilo que se constitui de partes, ou seja, corpo ou agregado (*soma*), ou a forma de corpo-carne (*sarkós*).

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

esteja no centro das discussões do atomismo antigo. A recorrência acerca deste tema sugere a real dimensão do lugar ocupado pelo corpo dentro da tradição filosófica, correspondendo a um ponto de discussão comum ao longo da história do pensamento antigo.

No pensamento epicúreo o corpo encontra-se localizado no âmago das discussões, assim, qualquer aproximação sobre a *physiologia* sem lhe fazer referência tenderá a ser despropositada. Para tanto, é preciso evidenciar sua influência para a concepção de realidade, bem como revelar as características singulares que ele adquire dentro do texto de Epicuro.

Partindo desse contexto o tema do corpo insere-se na presente pesquisa para dar ênfase ao propósito do pensamento epicúreo em problematizar a corporeidade. Neste sentido, a abordagem desenvolvida teve como objetivos principais demonstrar a noção de corpo em Epicuro e a partir dela explicitar quais interpretações são possíveis através da imagem do corpo.

A ideia de unidade corpórea afirma-se ao longo do desenvolvimento da presente investigação, convergindo para a noção que apresenta o sentido intrínseco do corpo como agregado para o atomismo epicúreo e problematizado a partir das relações entre as constituições dos corpos compostos. A imagem vinculada ao corpo revela a perspectiva epicúrea em torno da realidade e qual a conjectura se projeto sobre a conservação da unidade das coisas existentes.

A admissão da dinâmica dos corpos como meio de interpretar os outros aspectos da realidade, indica o uso de uma analogia elucidativa que pressupõe o comportamento semelhante para todos os fenômenos da natureza. Desde o movimento empreendido pelas partículas elementares até a composição e a formação dos agregados humanos, coexiste um paralelo que permite visualizar como os princípios corpóreos que ordenam a realidade.

Pensar a corporeidade como fator decisivo para a interpretação da realidade traz implicações para a forma como se estrutura as ideias no pensamento de Epicuro. Compreendem-se os pressupostos do pensador de Samos através da equivalência entre a imagem do corpóreo e a expectativa diante da expressão que a realidade adquire na diversidade dos fenômenos que regem a natureza. A partir desses pressupostos foram construídas as seguintes hipóteses:

- a) O corpo evidencia-se como chave interpretativa do pensamento epicúreo, e enquanto tal deve ser tomado dentro dos pressupostos do pensamento atomista;
- b) É pertinente a esse contexto a admissão da analogia do corpo como forma de supor a estruturação e percepção da própria realidade;

A NATUREZA DOS CORPOS**1 Átomos como corpos**

A primeira aproximação ao pensamento de Epicuro de Samos remete a caracterização dos elementos fundamentais da natureza. O átomo é definido, a rigor, como sendo a menor fração corpórea da realidade, tal definição advém da concepção que o admite com o elemento no qual partes não podem ser derivadas⁵. É imprescindível em qualquer abordagem acerca do atomismo antigo elencar os princípios que permitem pensar o átomo. Há recorrência em encontrar nos

⁵ O termo grego que define ἄτομος como a partícula indivisível, aquilo que não poder ser cortado, ou seja, aquilo que não possui partes (*a-tomos*).

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

comentadores do atomismo referências ao átomo enquanto elemento fundamental da realidade corpórea⁶. Entretanto, omite-se quase sempre a sua condição corpórea, ou seja, que cada átomo corresponde efetivamente a um corpo.

Apesar de o átomo ser considerado a menor porção corpórea da realidade ele também pode ser pensando enquanto unidade equivalente a um corpo⁷. Sabe-se que a noção de corpo concerne a algo de natureza composta, mas no caso específico do átomo é preciso admitir que ele seja pensando como um corpo imperecível, que não sofre alterações ou até mesmo perda de partes.

As condições para o átomo interferir na constituição de corpos e mundos obedece à dinâmica da natureza que ordena todas as coisas existentes. A indicação de que exista uma força responsável por regular os movimentos de geração e de corrupção não evidencia suficientemente quais são os fatores que condicionam os aspectos próprios dos corpos e da própria realidade. Assim, a discussão acerca da natureza do átomo passa pela definição da interferência dos elementos que interferem no modo de ser dessas partículas. Dentre estes elementos que influenciam os átomos, bem como as possíveis constituições dos corpos, está a noção de necessidade, ponto esse bastante controverso no pensamento atomista.

A discussão sobre os aspectos que definem o átomo permeia algumas polêmicas dentro da tradição atomista. Princípios atribuídos a Demócrito de Abdera⁸, tido como um dos fundadores do atomismo antigo, são geralmente colocados de forma crítica ou até mesmo revisada para os herdeiros do epicurismo. Um desses princípios reinterpretados pela tradição atomista é a noção de necessidade (*ananké*).

É preciso apresentar a compreensão acerca da noção de necessidade a partir dos pensadores pré-socráticos, para em seguida dar ênfase ao posicionamento de Epicuro a esse respeito. Em primeiro lugar, ressalta-se que a necessidade assemelha-se ao destino dentro da tradição antiga anterior à própria filosofia. Assim, a necessidade é entendida como destino, que por sua vez resulta do somatório da vontade dos deuses, da ordem cósmica e por fim do destino individual. Vale salientar ainda que Pierre-Marie Morel⁹ (MOREL, 2000, p. 12-13) discute a posição de Demócrito acerca do conceito de necessidade, utilizando para tanto de longa exposição conceitual.

Para os pré-socráticos a necessidade possui pelo menos três aplicações como princípio, a saber: princípio lógico (em Parmênides de Eléia); princípio cosmológico (entre os pitagóricos, em especial Filolau de Crotona) e como princípio que rege o destino (em Heráclito de Éfeso).

Demócrito, por sua vez, reduz o conceito de necessidade apontando-o como princípio cosmológico. Ele opta por considerar a necessidade distinta de qualquer lei primeira, afirmando que ela não deve coincidir com a harmonia, como pensava Filolau. Para pensar a relação entre a necessidade e os elementos fundamentais é preciso afirmar que os átomos permanecem dispersos até o momento em que uma necessidade mais forte, advinda do meio externo, venha lhe desagregar, seja através de um choque ou de uma série de choques atômicos. Vê-se que em Demócrito a necessidade toma a configuração de uma relação de forças mecânicas, que envolvem a resistência interna de um composto e a pressão do meio que o envolve. A rigor, Demócrito toma a necessidade como sendo o princípio de todas as coisas, mas apesar disso ele rejeita a ideia de que haja por trás da obra do universo um intelecto organizador intervindo na constituição dos corpos e dos mundos.

⁶ Marcel Conche *Epicure: lettres et maximes*, Jean Salem. *Épicure, Lettres*, Jean Brun *O epicurismo*, Jean-François Duvernoy *O epicurismo e sua tradição antiga*, esses autores nas respectivas obras abordam a questão da constituição corpórea.

⁷ A referência ao termo *σῶμα* faz pensar o corpo como constituído de partes. Entretanto, o termo remete aos vários tipos de corpos possíveis na natureza.

⁸ Demócrito viveu aproximadamente de 460 a 370 a.C.

⁹ Pierre-Marie Morel, *Atome et nécessité. Démocrète, Épicure, Lucrèce*, p. 12-13, 2000.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

Segundo a análise de Morel (2000) a física atomista pode ser acusada de economia em relação aos seus preceitos, uma vez que de acordo com ele explica-se um grande número de efeitos através de um número reduzido de princípios. Entretanto, é preciso ressaltar que esta suposta economia de princípios é algo recorrente no atomismo antigo devido à tentativa de apresentar uma física constituída de pressupostos relacionados diretamente com os fenômenos naturais, e desse modo, seria preciso estabelecer um sistema sucinto de princípios para a *physiología* capaz de dar conta das explicações diretas acerca dos fenômenos.

Interessa para a presente discussão fazer a exposição do posicionamento de Demócrito acerca da questão da necessidade, para que se compreenda a posição assumida posteriormente pelo pensamento epicúreo. Foi dito acima que Demócrito entende a necessidade como princípio cosmológico, e por essa razão afirma que as coisas são produzidas a partir da necessidade. Essa é uma proposição que corresponde ao que defende Leucipo de Mileto¹⁰ num dos seus raros fragmentos: “Nenhuma coisa se engendra ao acaso, mas todas (a partir) de razão (*logos*) e por necessidade” (AÉCIO, 1996, p. 270)¹¹.

O fragmento refere-se a uma ideia que radicaliza a atuação da necessidade na constituição dos corpos e dos mundos, fato que coloca o atomismo antigo quanto Demócrito diretamente associados à estruturação de um mecanicismo determinista, preso às correntes da necessidade como causa de toda a realidade. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que o acaso (*tychê*) atua como fator contingente na constituição das coisas, sendo, portanto, um aspecto que imprime a ideia de ausência de uma causa determinada para a conformação da realidade.

A tradição próxima a Demócrito comenta a interferência do acaso na física atomista, notadamente em Aristóteles percebe-se a intenção de se expor criticamente a posição dos atomistas:

Há, porém, alguns que encaram como causa deste céu e de todos os mundos o acaso. Pois, para eles, do acaso formou-se o turbilhão e o movimento que separou os elementos primitivos e que estabeleceu o todo na ordem atual...afirma que os animais e as plantas não são nem foram engendrados pelo acaso, sendo realmente causa a natureza ou a inteligência ou alguma outra coisa de tal gênero (pois não surge do acaso o que nasce de cada semente, mas desta uma oliveira, daquela um homem); entretanto, o céu e os mais divinos dos seres visíveis foram gerados pelo acaso, e semelhante causa não admitem para os animais e as plantas (ARISTÓTELES, 2009, p.51)

Percebe-se a pretensão de apontar a necessidade como a causa principal para os fenômenos que geram todas as coisas. Aristóteles acusa Demócrito de admitir a influência do acaso, para ele não é possível aceitar a acaso como uma verdadeira causa. Logo, aprofunda-se a polêmica que envolve o atomismo numa espécie de visão limitada da realidade. É preciso admitir também que a análise aristotélica além de ser muito sintética não corresponde de fato aos aspectos da física do pensador de Abdera.

¹⁰ Leucipo juntamente com Demócrito é considerado um dos criadores da teoria dos átomos. Viveu em cerca de 500 a. C.

¹¹ Aécio, I, 24, 4 (DK 67 B2).

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

Há nesse ponto uma discussão importante para a questão que envolve os conceitos de acaso e de necessidade. Morel (2000) chama à atenção para o fato da ideia de *anankè* se aproximar da ideia de *automaton*, indicando que a concepção de espontaneidade está presente quando se trata tanto de necessidade quanto de acaso. Segundo ele isso seria um indício claro de que tudo o que se produz através da necessidade e do acaso se dá por movimento espontâneo, reforçando, assim, a rejeição dos atomistas por um uma causa final ou a ideia de providência.

Fica evidente que a discussão acerca da relação entre o acaso e a necessidade revela que a concepção de ambos contribui para se argumentar contra à ideia de uma inteligência por trás da concepção dos mundos, ou seja, ambas ideias favorecem a negação da existência de qualquer forma de transcendência. É importante para a presente exposição demonstrar o quão combativa fora a tradição antiga aos princípios desenvolvidos pelos pensadores atomistas. Outro ponto a ser discutido é a dimensão da interferência dos conceitos de acaso e de necessidade para a conformação da realidade. A física epicúrea admite a necessidade de modo menos radical do que o modo como a tradição atribui a Demócrito.

Para Epicuro a necessidade¹² relaciona-se ao princípio do movimento das partículas, e apesar de não ser apresentada de forma conceitual no texto epicúreo, este conceito permeia as inferências de sua física, demonstrando certa flexibilidade para admissão da necessidade e do acaso para a compreensão dos movimentos da natureza.

A partir do cenário exposto acima o átomo situa-se como o elemento fundamental para a existência de todas as coisas. Os fatores que condicionam a sua própria natureza são igualmente responsáveis pela transformação da realidade. Não há como desassociar o movimento interno dos átomos da própria possibilidade de conformação dos corpos e dos mundos. Os parâmetros que regem a ordenação das coisas no todo, tem como ponto de partida o comportamento elementar das partículas indivisíveis.

Deve-se levar em conta o fato de que a *physiología*¹³ epicúrea assenta-se sob uma coerência rigorosa em relação às inferências enunciadas para as explicações dos fenômenos naturais. Sendo os átomos os princípios elementares na constituição dos corpos deles depende a dinâmica que determina a composição da realidade. O comportamento dos átomos não se sobrepõe à natureza dos corpos, não há outra realidade, sequer é possível a intervenção de outras forças que já não estejam na própria natureza. Do lugar em que são derivados os átomos também são gerados todos os demais corpos, ou seja, a realidade dos corpos pertence a uma mesma dimensão espacial.

Encontram-se passagens elucidativas sobre este tema na *Carta a Heródoto*. Lá, Epicuro marca a sua concepção atômica, evidenciando que a estrutura da realidade se engendra de modo simples. Nesta *Carta* evidenciam-se praticamente todos os aspectos da *physiología* epicúrea resumidamente expostos para a fácil aquisição do leitor. Ressalta-se em Laërtios (2008, p.292), a seguir, as primeiras imagens acerca da natureza do átomo:

Esses elementos são os átomos, indivisíveis e imutáveis (...) os átomos são dotados da força necessária para permanecerem intactos e resistirem enquanto

¹² O temo *ἀνάγκη* ocorre logo no início da *Carta a Heródoto*, parágrafo 38.

¹³ Para o pensamento de Epicuro a *physiología* representa a intuito de investigar a natureza ou o modo de realização dos fenômenos naturais que se manifestam na realidade. Pode ser considerada ainda como uma espécie de exercício (*áskesis*) que possui como principal finalidade a compreensão dos estados da natureza. Neste sentido o pensamento epicúreo admite que na *physiología* reside o sentido originário da filosofia.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

os compostos se dissolvem, pois são impenetráveis por sua própria natureza e não estão sujeitos a uma eventual dissolução. (LAÉRTIOS, 2008, p.292)

Percebe-se que ao se referir aos átomos como elementos imutáveis, Epicuro coloca-os em outra categoria de corpos, a saber, naquela dos corpos que não estão sujeitos ao devir. Quando afirma que os átomos possuem a força necessária para se preservarem está igualmente afirmando que os movimentos da *phýsis* não são capazes de desconstituir estas partículas.

Os átomos são semelhantes aos corpos não apenas por serem interpretados como unidades, mas principalmente por possuírem extensão. Apesar da impossibilidade de percepção dos átomos através dos sentidos, eles são responsáveis pela constituição dos agregados. Todos os corpos compostos são constituídos por átomos, e é a variação desses elementos que dá a conformação característica de cada um dos corpos existentes.

A noção sugerida pelo parágrafo citado acima leva a pensar a existência do movimento incessante (devir) que a tudo submete a sua força de transformação. O átomo possui a força capaz de mantê-lo sempre com a mesma configuração, enquanto todos os corpos compostos tem as suas partes sujeitas a desagregação. O que projeta o átomo para fora dessa esfera de luta pela conservação é o fato de nada ser capaz de penetrá-lo, no sentido de lhe causar alguma alteração e torná-lo diferente do que é.

As alterações na constituição dos corpos ocorrem quando em conjunto com outros átomos, constituindo assim partes agregadas, mudam-se as configurações dos corpos. Desse modo, as partes do corpo se submetem aos movimentos de desconstituição advindos da *phýsis*. São as partes dos corpos que podem se desagregar, e não os próprios átomos, indicando que apesar de toda alteração nos compostos os átomos permanecem ainda como possíveis constituintes de partes de outros corpos.

Há ainda algumas distinções a fazer quanto à própria natureza dos átomos. Em primeiro lugar, discutir em que aspectos os átomos são distintos entre si. Em segundo lugar, é necessário descobrir se existem aspectos que distinguem as partículas uma das outras e quais dessas distinções afetam de forma decisiva a constituição dos corpos. Desse modo, faz-se pertinente a investigação da *physiología* epicúrea para buscar explicações acerca das possíveis distinções das partículas.

2 Os corpos e o vazio

A constituição dos corpos compostos é diretamente relacionada à existência do vazio¹⁴. Na *Carta a Heródoto* algumas passagens convergem para a compreensão do vazio como condição de possibilidade para a composição de novos arranjos corpóreos. Há, portanto, que se considerar o papel fundamental do vazio para a dinâmica dos átomos no sentido da conformação dos corpos. O parágrafo a seguir elucidada em parte estas ocorrências acerca do vazio:

¹⁴ O termo *Kenon* (κενόν) repercute dentro da tradição atomista tomando o sentido de vazio ou de espaço vazio. Compreende-se que o vazio implica ausência corporeidade.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

Se aquilo que chamamos de vazio ou espaço, ou aquilo que por natureza é intangível, não tivesse uma existência real, nada haveria em que os corpos pudessem estar, e nada através de que eles pudessem mover-se, como parece que se movem (LAÉRTIOS, 40, 2008, p. 292)

Neste ponto Epicuro trata de afirmar a existência do vazio como algo real. Notadamente a argumentação a favor da existência do vazio evidencia a importância do tema para o atomismo antigo. O vazio é inadvertidamente associado ao nada (não-ser), mas para o pensamento epicúreo ele é representado como realmente existente. Neste sentido, a interpretação do que Epicuro afirma ser “real” pode trazer alguma clareza para o assunto. O trecho citado da *Carta* evoca a compreensão do termo real para o sentido de oposição ao não-ser, ou seja, o vazio passa a ser considerado algo verdadeiramente existente.

Tanto o átomo como o vazio não podem ser percebidos diretamente pelos sentidos, logo, as impressões sensíveis a respeito de ambos são nulas. A percepção de cada um deles é inferida a partir da observação dos corpos ou dos fenômenos na natureza. Ao vazio é atribuída uma existência verdadeiramente real, possuindo o seu lugar nos *kosmós* e sendo determinante para a possibilidade de constituição dos corpos.

O vazio possui representação indispensável dentro da *physiología* epicúrea já que os átomos nele realizam as suas trajetórias em direção aos choques com as outras partículas. A afirmação do vazio como condição de possibilidade da existência dos corpos advém do que é apresentado no parágrafo 40. A existência do vazio permite que seja pensado o espaço destinado as partículas e aos corpos e, igualmente, possibilita o próprio movimento.

Nos textos epicúreos encontram-se poucas referências ao vazio. Já em Lucrecio são evidenciadas algumas passagens no *De Rerum Natura*, entretanto, as discussões lá encontradas remetem as mesmas escassas orientações dos textos de Epicuro. Assim, o melhor caminho para entender a importância do vazio para a física epicúrea é voltar-se para o que diz a *Carta a Heródoto*:

Além dos corpos e do vazio nada pode ser apreendido pela mente nem concebido por si mesmo ou por analogia, já que os corpos e o vazio são considerados essências inteiras e seus nomes significam, por isso, essências realmente existentes e não propriedades ou acidentes de coisas separadas (LAÉRTIOS, 40, 2008, p.292)

Há algumas indicações significativas no parágrafo citado acerca do que representa o vazio. Em primeiro lugar, seria mais adequado traduzir o termo essência pela noção de *physis* pensada como substância elementar. Em seguida atenta-se para o fato de que vazio seria, portanto, parte decisiva para a constituição da realidade, possuindo características semelhantes ao átomo no que se refere à eternidade e imutabilidade. A existência do vazio corresponde a uma exigência necessária na física do epicurismo, pois tanto os átomos quanto os corpos carecem de um lugar para estarem, e não somente isso, a questão do vazio leva a discussão para outro nível de relações.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

O todo (*to pan*) necessariamente contém a totalidade dos corpos e mundos já constituídos e aqueles a serem ainda constituídos. O espaço no qual todas as coisas estão tem as suas dimensões projetadas para o infinito. De acordo com o que sustenta o epicurismo a respeito da natureza do todo, é preciso admiti-lo como preenchido por espaços vazios para que assim os corpos possam interagir entre si, e os mundos sejam igualmente constituídos. A sugestão encontrada nos textos de Epicuro revela o comprometimento de suas inferências acerca da natureza com a coerência interna do seu pensamento, projetando os fenômenos naturais sempre de acordo com a visão que considera a existência de tudo advinda dos átomos e do vazio.

A compreensão do todo também passa pela definição do que se entende por espaço vazio. De forma geral associa-se o vazio ao não-ser. A posição de Epicuro a esse respeito não é clara, o que pode indicar certa intencionalidade de admiti-lo como algo real e de cuja existência dependem todos os corpos. Não seria estranho aceitar que a corporeidade¹⁵ tenha como condição primeira a existência efetiva de um elemento invisível e incorpóreo, corriqueiramente pensado semelhante ao nada.

Seria adequado afirmar que o vazio é compreendido como ausência de corpo pelo epicurismo. O espaço¹⁶ entre os corpos permite que haja fluidez entre eles, tangenciando, assim, a possibilidade de choques para a conformação da realidade. Convém admitir que o vazio possua sua condição de existência através da comparação com os corpos. É na relação entre os corpos que se deduz a existência do espaço em que se percebe a ausência de corpos, fato que define o vazio como elemento sem corpo ou até mesmo intangível.

O problema neste ponto não é negar que o vazio seja diferente do corpo por não possuir extensão, a questão a ser analisada passa pela apreensão do vazio pelos sentidos, ou seja, que a percepção mesmo do que é referente à ausência total de corpos corresponda necessariamente ao que o atomismo denomina de vazio. A intangibilidade (*adelon*) do vazio facilita a sua compreensão, pois imaginá-lo como imperceptível aos sentidos, invisível, permite tomá-lo como elemento fundamental da realidade, porém, ainda assim restaria esclarecer como algo imperceptível pode interferir na constituição do que é perceptível (corpos e mundos)?

Para responder a esta questão é preciso rever toda explicação epicúrea acerca da relação entre os átomos e o vazio. Está dado na física de Epicuro que átomos e vazio são os constituintes fundamentais de toda a realidade corpórea. Como já exposto anteriormente, os átomos necessitam do vazio para realizarem as suas trajetórias e como consequência formarem novos corpos ou corromperem outros. A disposição dos átomos dentro do todo é determinada também pela influência do vazio, pois é através dele que as partículas e os corpos chocam-se reconfigurando a realidade.

Problematizar sobre o vazio na física epicúrea implica discutir a possibilidade de existência dos corpos, dos mundos e até mesmo da própria corrupção que afeta todos os compostos. O *kenon* é tratado como uma essência inteira e, portanto, não pode ser dotado de qualidades sujeitas aos acidentes. A procura pela definição das qualidades do vazio representa o esforço de entender mais acerca da própria natureza do *kosmos*.

É necessário abordar o vazio de um modo que permita visualizar suas características principais, visto que não podem ser aplicadas as mesmas categorias dos corpos em relação a ele,

¹⁵ O termo corporeidade é utilizado ao longo da tese para expressar a distinção entre os termos material e matéria, visto que estes pertencem a um contexto conceitual anacrônico ao do pensamento de Epicuro.

¹⁶ O termo referente a espaço é *χώρα* no grego.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

devem-se apontar as suas singularidades dentro da *physiología* epicúrea. O vazio não adquire nenhuma conotação negativa em contraposição ao não-ser, como sugere o parágrafo a seguir:

Em primeiro lugar, nada nasce do não-ser. Se não fosse assim, tudo nasceria de tudo e nada teria necessidade de seu próprio germe. Se aquilo que desaparece percesse e se resolvesse no não-ser, todas as coisas estariam mortas, pois não existiria aquilo em que deveriam resolver-se (LAÉRTIOS, 38-39, 2008, p.292)

Neste parágrafo é possível perceber a recorrência do termo referente ao não-ser¹⁷ e a associação deste com o aspecto negativo da natureza. Sabe-se que entre os pensadores gregos a noção de geração prevalece em relação à concepção de criação surgida a partir da influência do cristianismo. Portanto, a física epicúrea compromete-se com as explicações dos fenômenos naturais através da compreensão que admite a continuidade dos corpos na natureza conduzida pela transformação dos elementos existentes. A geração das coisas, ou seja, a transformação que lhes permite mudar de aspecto, tornando-se outra com características diferentes, baseia-se no princípio de que todas as coisas possuem seu próprio germe¹⁸.

O aspecto negativo da natureza refere-se à vinculação do não-ser com a esterilidade, ou seja, com impossibilidade de gerar novos elementos na natureza. Epicuro não tenta negar a existência deste aspecto, porém ele afirma a necessidade de que o princípio (*arkhê*) de cada coisa corresponda àquilo que potencialmente ela pode vir-a-ser. O vazio, portanto, não é equivalente ao não-ser, pois pensá-lo dessa maneira implicaria admitir que tudo estaria fadado ao desaparecimento.

Na última parte do parágrafo supracitado encontra-se a afirmação da continuidade dos corpos, perpetuando, assim, a possibilidade de existência de novos elementos corpóreos gerados a partir da desagregação ou da agregação das partes de outros corpos. Os átomos são os elementos fundantes da realidade corpórea e enquanto tais não surgiram do nada e nem sequer irão perecer no não-ser. Entendidos como essencialidades que sempre existiram e que também não perecem.

A natureza é vista no atomismo epicúreo a partir da perspectiva que admite a convergência de tudo o que existe para a geração de novos corpos. Os corpos ao entrarem em desequilíbrio e destituírem-se, têm as suas partes agregadas a outros corpos, produzindo uma configuração diferente da realidade. Não está dada a condição de perecimento no nada aos elementos fundamentais da realidade. Muito embora seja admitida a existência do espaço vazio (*kenon*), isso não quer dizer que o vazio esteja condicionado à ausência de geração, ou até mesmo que nele as coisas permaneçam inertes, pelo contrário, sabe-se que é através dele que as partículas podem se chocar e os corpos se realizarem dentro das suas dimensões.

A interpretação dos fenômenos da natureza tem como principal critério as evidências sensíveis, entretanto, a experiência sensível em relação ao vazio frustra qualquer tentativa de explicá-lo através da sensibilidade. Qualquer explicação, por mais elaborada que seja, irá aproximá-lo mais ainda da ideia de nada. É preciso, portanto, construir uma analogia capaz de fornecer uma imagem nítida daquilo que o atomismo epicúreo denominou de vazio.

O vazio pode ser representado pela caracterização de um espaço entre os corpos, onde estes podem se deslocar e provavelmente podem ser constituídos ou decompostos. A imagem que

¹⁷ O termo referente no texto grego é *μη ὄντος*, entendido como não-ser.

¹⁸ O termo corresponde a *σπέρμα* e tem o sentido de origem, princípio.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

auxilia a compreensão acerca do vazio é projetá-lo a partir de um conceito espacial, impondo, assim, a ideia de dimensão espacial para suprir a necessidade da construção de uma realidade geometricamente compatível com a sobreposição de partículas e de corpos compostos. A exigência de uma realidade geométrica não advém apenas da coerência formal dos argumentos da física epicúrea. Deve-se ressaltar que a realidade pensada pelo epicurismo possui todas as suas partes constituintes articuladas entre si, cada porção da realidade é de fato compatível com as demais.

No parágrafo 42 da *Carta a Heródoto* afirma-se sobre o todo que ele “é infinito também pelo número enorme de átomos e pela grandeza do vazio (...)” (LAËRTIOS, 42, 2008, p. 292). Esta evidência serve para confirmar a ideia de que o vazio condiciona o todo e as suas partes oferecendo as condições reais para a existência dos corpos e dos mundos. O vazio é, portanto, a condição de possibilidade da existência dos corpos e da própria multiplicidade dos corpos.

A pluralidade dos corpos está diretamente associada ao que é oportunizado através do vazio. Sem ele os corpos estariam impossibilitados de variarem de forma e a realidade seria um retrato imóvel, possuindo a mesma configuração em relação aos seus elementos constituintes. O vazio é uma das exigências para concepção de uma realidade plural e mutável. Afirma-se a mobilidade dos corpos e a mudança nas suas constituições pela articulação das partículas nas trajetórias através do vazio. Encontra-se, a seguir, indicações pertinentes sobre a influência do vazio em relação aos corpos:

Devemos considerar ainda que aquilo que chamamos de incorpóreo na acepção comum da palavra se refere ao que é pensado como existente por si mesmo. Ora: não é possível conceber o incorpóreo como existente por si mesmo, à exceção do vazio. E o vazio não é ativo nem passivo, mas simplesmente permite aos corpos o movimento através de si mesmo (LAËRTIOS, 67, 2008, p. 298)

Há no trecho citado algumas explicitações acerca da função do vazio na física epicúrea. Em primeiro lugar, Epicuro chama o vazio de incorpóreo¹⁹, indo mais além ao afirmar que o vazio seria o único elemento incorpóreo da natureza que existe por si mesmo. Neste sentido, convém admitir que mesmo sendo incorpóreo o vazio exista efetivamente, pois não há nenhum fenômeno que contradiga as características referidas a ele. Em segundo lugar o parágrafo citado traz ainda o modo pelo qual o vazio é referido em relação aos corpos.

Por não interferir diretamente nos corpos, devido a sua natureza incorpórea, o vazio consiste no espaço exclusivo de atuação dos corpos. Sendo o meio no qual os corpos se relacionam desempenha função decisiva para que os corpos fluam através do todo. Apresenta-se aqui certa dificuldade para abordar a questão dos incorpóreos, uma vez que a física epicúrea pouco se refere aos elementos desprovidos de corpos. Isso não quer dizer que Epicuro negue a existência do que é incorpóreo, mas é de conhecimento na tradição filosófica que para o epicurismo os elementos que interferem na realidade se fazem presentes pela sua corporeidade, impossibilitando, assim, a interferência de elementos transcendent²⁰. Esta postura de Epicuro revela a preocupação em destituir a opinião comum acerca da existência de outra natureza, ou seja, desestimula os seguidores

¹⁹ O termo grego referente a incorpóreo é *ἀσώματος*.

²⁰ No pensamento epicúreo a *phýsis* confere possibilidade de existência à realidade, por essa razão todos os fenômenos acontecem a partir das condições impostas pela própria *phýsis*, fato que torna impossível a concepção de qualquer ideia de fenômeno sobrenatural.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

do atomismo a projetarem a interferência de outras causas para os fenômenos que não sejam relacionadas à existência dos corpos.

Com isso, Epicuro tenta afastar o misticismo e a ignorância sobre os fenômenos naturais, e principalmente, remedia o temor em relação às causas desconhecidas do que se observa na natureza. Para cada fenômeno existe uma ou mais causas aventadas a partir da compreensão de que na realidade tudo o que existe é composto de átomos e vazio. Quando se leva em consideração este axioma do atomismo antigo, é preciso refletir acerca de como o vazio representa as preocupações de Epicuro para constituir uma física capaz de ser coerente com os fenômenos observados na natureza.

Na *physiología* as referências ao vazio decorrem da necessidade de explicar as transformações dos corpos, bem como as trajetórias dos átomos e seus possíveis choques. Observa-se ainda que a totalidade do cosmos seja permeada pelo vazio como parte constituinte, fato que indica a interferência real do mesmo para a composição do todo. O vazio não é uma projeção ou mesmo uma ilusão aparente dos sentidos, ele é considerado imprescindível enquanto elemento responsável pela constituição física da realidade.

A mesma pergunta feita anteriormente é retomada neste ponto: como algo de características incorpóreas pode interferir naquilo que é da ordem dos corpóreos? A resposta de Epicuro a esta questão apresenta-se de maneira sutil. Aos corpos fora possibilitada a permuta e a combinação com outros corpos. O vazio necessariamente atua com o um possibilitador, ou seja, um meio através do qual os corpos se agenciam na configuração dos mundos e do próprio todo.

Todas as coisas que sofrem perecimento, e que são suscetíveis à transformação através da ação dos outros corpos necessitam do espaço vazio para darem curso a sua existência no tempo. Outra condição a ser discutida é em qual sentido o vazio é dado como um dos fatores condicionantes do movimento, e principalmente, como Epicuro enfatiza este assunto polemizado pela tradição próxima a ele²¹.

3 Imagens sensíveis (simulacros): o corpo como receptáculo da realidade (instrumento de percepção)

Neste ponto será trabalhada a hipótese de que no pensamento epicúreo o corpo é representado como um instrumento da percepção e estruturação da realidade, e assim, atua como o lugar onde o conhecimento se realiza. Para exposição de tal hipótese será necessário abordar amiúde a teoria da percepção epicúrea, cuja maior expressão são as imagens sensíveis (simulacros), uma vez que é através destas imagens que o corpo recebe as informações acerca dos objetos que compõem a realidade. A ideia do corpo como instrumento do conhecimento encontrará como principal pressuposto a relação deste com os fenômenos naturais e, desse modo, com as constituições atômicas, ou seja, como o corpo que é uma constituição atômica recebe as impressões dos objetos igualmente formados por átomos.

²¹ Existe uma dificuldade colocada a partir da leitura de Aristóteles sobre a influência do vazio para o movimento dos corpos (*Física*, VIII, 9. 265 b 24 (DK 68 A 58). A crítica colocada em relação ao modelo atômico pensado por Demócrito concerne a ideia de que o vazio não consiste numa causa necessária para o movimento das partículas.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

No parágrafo 46 da *Carta a Heródoto* são encontradas as primeiras noções acerca dos simulacros situando as suas características mais marcantes e a forma que atuam nos órgãos dos sentidos, como demonstra esta passagem:

Há impressões semelhantes à figura dos corpos sólidos, que por sua sutileza superam consideravelmente as coisas que aparecem aos nossos sentidos. Não é impossível que no ar circundante se formem combinações desse gênero ou que se achem materiais adequados à produção de superfícies côncavas ou planas ou emanções que conservem a mesma disposição e a mesma sequência dos átomos dos corpos sólidos, dos quais provêm; damos a essas impressões o nome de imagens (LAËRTIOS, 46, 2008, p. 293)

Nesta perspectiva, Epicuro apresenta as imagens dos objetos como sendo idênticas aos mesmos, representando exatamente as formas e as propriedades dos objetos aos quais pertencem. As imagens atingem os sentidos transmitindo os dados através do ar. Em Lucrécio encontra-se uma explicação para semelhanças das imagens com os objetos:

Portanto, se os toldos emitem cor da superfície, também quaisquer outros objetos devem emitir tênues imagens, visto que num caso e noutro é da superfície que elas são lançadas. Existem, por conseguinte, imagens fiéis dos objetos, as quais voejam por um lado e outro, formados como são de um sutil material e não podem ser vistas quando tomadas em separado (Lucrécio, IV, v. 85-89, 1980, p. 80)

A fidelidade das imagens é mantida devido ao fato delas se desprenderem dos objetos por emanção. Para compreender melhor a semelhança entre objeto e imagem é preciso ter a emanção dos átomos, que forma na alma tais objetos, como um movimento no qual são transportadas as características mais marcantes de cada coisa. A imagem despreendida do objeto depende da circulação no ar para atingir os sentidos e fornecer corretamente os dados da realidade. Epicuro afirma, ainda, que a transmissão desses dados só ocorre porque os átomos que formam tais imagens são constituídos de forma sutil.

A emanção dos simulacros chega aos sentidos numa proporção entre espaço e tempo, estipulando uma velocidade específica para a sua apreensão. É devido ao tamanho dos átomos, das substâncias que formam cada imagem, que se define a sutileza e a dificuldade da percepção. No Poema, Lucrécio (LUCRÉCIO, 1980, p. 80) argumenta que por serem tão pequenos, muito menores que o próprio objeto, os elementos que produzem as imagens são transmitidos aos sentidos num lapso de tempo extremamente veloz, no qual a alma não tem capacidade de medir através do pensamento. Epicuro, na *Carta a Heródoto*, menciona as relações entre tempo, espaço e velocidade com a emanção dos simulacros: “E seu movimento no vazio, desde que nada impeça e nada o oponha resistência, leva-os a percorrerem qualquer distância imaginável num lapso de tempo inconcebivelmente breve” (LAËRTIOS, 46, 2008, p. 293).

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

Reconhecer esse “tempo inconcebivelmente breve” é possível apenas pela razão, os sentidos não têm como apreender tal processo cuja semelhança com a produção do pensamento (*epibolé tês diánoia*) é bastante clara. A velocidade das imagens está condicionada, ainda, à existência ou não de obstáculos que fazem variar o tempo levado por estas a percorrer o vazio e atingir os sentidos. Neste ponto, Epicuro parece estar preocupado em explicitar como acontecem os processos de apreensão da alma e o modo pelo qual a razão opera os dados sensíveis da realidade. Entretanto suas explicações não são suficientes para dissipar as dúvidas acerca desse processo.

O parágrafo 47 da *Carta a Heródoto* revela a importância do corpo para a percepção da realidade. Nele Epicuro sugere a existência de “poros abertos”, ou seja, indica partes do corpo nas quais as imagens podem penetrar sem resistência. Estes “poros” evidenciam a necessidade do corpo sentir mediante a entrada dos átomos que formam os simulacros, pois de acordo com ele, é do choque no corpo e do contato com os átomos, que tem início o processo de percepção.

Deve ser admitido que Epicuro pensava o corpo como algo que está sempre aberto à recepção do que é externo, pois esta é uma das condições necessárias para haver o conhecimento. A discussão acerca dos poros do corpo para Epicuro sustenta que existem passagens que proporcionam uma forma de abertura aos dados externos e as impressões sensíveis, fato que pode indicar a representação do corpo como sendo um instrumento da percepção. Deste modo, reside no corpo as origens das sensações cuja implicação final é a produção do pensamento.

Na produção das imagens (simulacros) são mantidas as propriedades dos objetos, que elas representam, mesmo que existam obstáculos entre as imagens e o corpo que as recebe. Os caracteres que representam os objetos são mantidos porque Epicuro defende a ideia de que a velocidade do pensamento não é superior ao da emanção que projeta as imagens percebidas pelos sentidos. Segundo tal noção o movimento que desprende as imagens é rápido o suficiente para que se perceba a ausência de algum detalhe, como Epicuro diz:

Além disso, deve-se ter em mente que a formação das imagens é tão veloz quanto o pensamento, e que a emanção proveniente da superfície dos corpos é incessante e nunca poderemos perceber com os sentidos uma diminuição dos corpos, pois a matéria é repostada constantemente (LAÉRTIOS, 48, 2008, p. 294)

Os simulacros são projetados por uma sequência de átomos que permanecem apesar dos obstáculos. A chave para compreender a fidelidade das imagens produzidas pelos simulacros está na velocidade da apreensão, ou seja, o modo pelo qual os átomos formam as imagens é pensado como imperceptível sobre o aspecto da apreensão exata do momento em que entram pelos poros do corpo, já que não há como precisar esse momento, uma vez que ele pode reproduzir ou superar a velocidade do pensamento.

A questão da abertura do corpo aos simulacros demonstra que Epicuro pensava a trajetória destes como percorrida em distância e tempo específicos, pois ainda que os afirme como uma dimensão espaço-temporal impossível de ser percebida pelos sentidos, não está implícito no texto epicúreo que os simulacros não percorram, de fato, uma trajetória no espaço e que esse movimento não possua uma duração determinada. Desse modo, Epicuro exclui do seu sistema significações que apontem incoerência com a noção atomista da realidade.

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

A noção de penetração é uma constante dentro do *Corpus* epicúreo, com certa frequência aparece na *Carta a Heródoto* explicações de como ocorre a recepção no corpo de elementos externos. No passo 49 dessa Carta, Epicuro condiciona a possibilidade do pensamento à penetração: “Devemos também ter em mente que é pela penetração em nós de qualquer coisa vinda de fora que vemos as figuras das coisas e fazemos delas objetos do nosso pensamento” (LAËRTIOS, 49, 2008, p. 294). Na tentativa de descrever o processo da visão Epicuro confere a penetração a função de colocar em contato os objetos que constituem a realidade, para ele ver significa haver abertura para a entrada dos simulacros.

A visão é importante porque ela revela parte do processo de apreensão da alma. A penetração nos poros do corpo indica que os átomos das imagens dos objetos interferem na percepção condicionando quais objetos podem ser vistos e o modo pelo qual podem ser vistos. Assim, a apreensão dos caracteres tais como cores, tamanhos e formas, está relacionada ao modo como os simulacros penetram no corpo e projetam impressões na alma. Epicuro faz referência à clareza das impressões cuja causa é a penetração:

Tão pouco as coisas externas poderiam imprimir em nós sua própria cor natural e sua forma natural por meio do ar existente entre nós e elas, nem por meio de raios ou correntes de qualquer espécie que se movem de nós para elas, tão claramente como quando entram em nós algumas impressões cuja cor e cuja forma são iguais às coisas, e que na grandeza compatível com nossa vista e com nosso pensamento penetram em nós movendo-se rapidamente (...) (LAËRTIOS, 49, 2008, p. 294)

Segundo Marcel Conche (CONCHE, 1977, p.138),²² Lucrécio distingue na visão duas possibilidades: a visão sensorial e a visão que se imprime diretamente na alma. A visão sensorial corresponde àquela na qual os simulacros penetram no corpo e atingem a alma produzindo a visão. A outra forma de visão está relacionada ao que é projetado pela imaginação. Um simulacro que não possui a capacidade de provocar imagem visual penetra diretamente na alma, através dos poros do corpo, possibilitando a apreensão imediata do pensamento e a projeção na imaginação (*phantasia*)²³. Lucrécio no *De Rerum Natura* menciona a distinção do que é apreendido pelos olhos e o que o é pela alma:

Como aquilo que vemos com o *animus* e com os olhos é igual, tem de se aceitar que surge do mesmo modo. Ora, eu demonstrei que me é possível ver um leão pelos simulacros que me impressionam os olhos; deve ser pelo mesmo motivo que o espírito se impressiona: é pelos simulacros que ele vê o leão e todas as coisas, exatamente como os olhos (...) (Lucrécio, IV v. 750, 1980, p. 80)

Os simulacros penetram pelos poros do corpo e se instauram da mesma forma na alma ou naquilo que Lucrécio chamava de *animus*. Segundo a explicação do poeta epicurista o critério de

²² Marcel Conche, op.cit., p. 138.

²³ Faculdade imaginativa do homem, ou ainda modo de ver (*dóxa*), *Dictionnaire Grec-Français* A. Bailly (1950).

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade

NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

apreensão dos órgãos dos sentidos e do espírito são semelhantes, ou seja, toda apreensão, seja nos órgãos dos sentidos seja na alma, tem como causa os simulacros dos objetos, pois é o simulacro que guarda em si mesmo os elementos que identificam cada coisa. Repousa nos simulacros a identidade dos corpos, deles dependem a permanência dos objetos e as suas respectivas qualidades, ainda que sejam representações de um todo ou de um corpo qualquer, possuem o princípio que torna cada coisa diferente da outra, ou seja, permitem que a realidade não perca o sentido.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir, a partir do que foi desenvolvido na presente investigação, que a compreensão dos diversos modos de realização dos corpos apresenta-se como chave elucidativa do pensamento epicúreo. Os corpos na física de Epicuro ressaltam a necessidade de se perceber a natureza como processo de transformação recorrente da realidade. As consequências desse movimento de recomposição e reconfiguração demonstram a dinâmica da física atomista e o seu profundo interesse em demonstrar como os fenômenos se desdobram.

A primeira hipótese aqui apresentada, a saber: O corpo evidencia-se como chave interpretativa do pensamento epicúreo, e enquanto tal deve ser tomado dentro dos pressupostos do pensamento atomista fica, portanto, demonstrada uma vez que sejam consideradas as múltiplas interações entre os corpos e a conformação da realidade. Para Epicuro os corpos (átomos) e o vazio vinculam-se como entidades necessárias a modulação dos corpos compostos, dos mundos e finalmente do Todo. No engenhoso entrelaçar dos corpos conformam-se mundos em possibilidades de grandeza consideravelmente relevante. Assim, não há como os movimentos de geração e corrupção da *phýsis* estarem distantes do olhar daquele que investiga a natureza, principalmente a partir da óptica atomista.

Em relação à segunda hipótese levantada, a saber: da admissibilidade da analogia do corpo como forma de supor a estruturação e percepção da própria realidade, pode-se afirmar que foram apresentadas e desenvolvidas argumentações, bem como conceituações que a comprova como válida. A teoria da percepção epicúrea compromete-se a desvelar as interações entre o corpo-carne (*sarkós*) e os outros corpos (átomos) que constituem os mundos. A percepção como sendo resultado das impressões sensíveis indissociáveis das faculdades de sentir e dar significado a partir da linguagem que se tenha acesso. A partir das compreensões da teoria da percepção é possível intuir uma teoria do conhecimento que tem o corpo como principal instrumento de captação e abertura para a experimentação dos entes sensíveis da realidade.

Sem impedimentos pode-se afirmar que Epicuro terce uma cadeia de conceitos interrelacionados que permite conhecer e reconhecer a sua física como uma das mais coerentes do mundo antigo. O brotar incessante dos corpos, suas possibilidades de configurações e as interlocuções entre o corpo-receptáculo da realidade, revelam-se como caráter identitário de um pesador que investigou a natureza (*phýsis*) com acuidade e profundo interesse em conhecer as causas dos fenômenos que determinam o que pode ser experimentado, pensado e imaginado (*analogia*) pela razão (*logos*).

O corpo em Epicuro: da constituição dos corpos a percepção da realidade
NASCIMENTO, Rodrigo Vidal do

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Física I -II**. Trad. Lucas Angione – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BRUN, Jean. **O Epicurismo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- CONCHE, Marcel. **Epicure: Lettres et Maximes**. Paris: Editions de Mégare, 1977.
- DEMÓCRITO. **Fragmentos**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- DUVERNOY, Jean François. **O epicurismo e sua tradição antiga**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- LAÉRTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. Ed, reimpressão. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- MOREL, Pierre-Marie. **Atome et Nécessité. Démocrite, Épicure, Lucrèce**. Paris: PUF, 2000.
- MOREL, Pierre-Marie. **Épicure. Lettre à Ménécée**. Paris: Flammarion, 2009.